

## O RURAL CIVILIZADO: A EXPERIÊNCIA DO HIPISMO NO JACAREPAGUÁ TÊNIS CLUBE (RIO DE JANEIRO; 1940-1957)

El rural civilizado: La experiencia de la hípica en el Jacarepaguá Tênis Clube (Rio de Janeiro; 1940-1957)

The civilized rural: The equestrian experience of Jacarepaguá Tênis Clube (Rio de Janeiro; 1940-1957)

Victor Andrade de MELO

*Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil)*

### Resumo

Fundado em 1939, o Jacarepaguá Tênis Clube foi uma das únicas agremiações dos subúrbios cariocas a ter uma equipe de hipismo, modalidade usualmente praticada por gente de estrato socioeconômico alto. Este artigo tem por objetivo discutir, a partir de sua repercussão pública, a experiência dessa sociedade esportiva considerando que as iniciativas associativas são relevantes indicadores dos processos de urbanização, conformação de identidades e produção do espaço. Adotou-se o recorte temporal de 1941 a 1957, período em que a equitação existiu no clube investigado. Como fontes, majoritariamente foram utilizados revistas e jornais publicados no Rio de Janeiro. Ao final, conclui-se que o incentivo ao esporte equestre foi mobilizado no sentido de forjar uma boa imagem para o clube, o apresentando como expressão do rural civilizado que caracterizaria o bairro.

**Palavras chave:** História do Esporte, História do Rio de Janeiro, hipismo.

### Resumen

Fundado en 1939, Jacarepaguá Tênis Clube fue uno de los únicos clubes de los suburbios de Río de Janeiro que contó con un equipo de hípica, modalidad que habitualmente practican personas de alto nivel socioeconómico. Este artículo tiene el objetivo de discutir, desde su repercusión pública, la experiencia de esta sociedad deportiva considerando que las iniciativas asociativas son indicadores relevantes de los procesos de urbanización, conformación de identidades y producción del espacio. Se adoptó el marco temporal de 1941 a 1957, período en el que existía la equitación en el club investigado. Como fuentes se utilizaron principalmente revistas y periódicos publicados en Río de Janeiro. Al final, se concluye que el incentivo al deporte ecuestre se movilizó con el fin de forjar una buena imagen para el club, presentándolo como una expresión de lo rural civilizado que caracterizaría al barrio.

**Palabras clave:** Historia del Deporte, Historia de Rio de Janeiro, hípica.

### Abstract

Founded in 1939, Jacarepaguá Tênis Clube was one of the only clubs in the suburbs of Rio de Janeiro that had a team of horse riding, a sport usually practiced by people from high socioeconomic strata. This article aims to discuss, from its public repercussion, the experience of this sports society considering that associative initiatives are important indicators of processes of the urbanization, formation of identities and space production. The time frame from 1941 to 1957 was adopted, a period in which horse riding existed in the investigated club. As sources, they were used mostly magazines and newspapers published in Rio de Janeiro. It is concluded that the incentive to equestrian sport was mobilized in order to build a good image for the club, presenting it as an expression of the civilized rural that would characterize the neighbourhood.

**Keywords:** Sport History, Rio de Janeiro History, horse riding.

## Introdução

No dia 15 de fevereiro de 2020, em matéria dedicada a discutir o crescimento da atuação de milícias no Rio de Janeiro, um jornalista fez referência a uma região da cidade que se tornara centro de muitos conflitos:

É o caso, por exemplo, da Grande Jacarepaguá, na zona oeste do Rio, que convive com uma sangrenta guerra entre milicianos e traficantes do Comando Vermelho (CV) há mais de um ano. As informações anônimas passadas refletem essa realidade. Na Praça Seca, também na região oeste, principal palco da disputa por território, as denúncias quase triplicaram na comparação entre 2019 e o ano anterior. Foi o maior crescimento registrado pelo levantamento (Barreto Filho 2020, 1).

Essa não foi a primeira vez que notícias sobre episódios violentos ocorridos na Praça Seca chegaram aos meios de comunicação, tampouco seria a última. Tristes imagens de uma região que num passado não muito distante era reconhecida por ser bucólica. Vieira (2019, 4) lembra que “até o começo do século XX, Jacarepaguá ainda se mantinha com baixas taxas de ocupação populacional e conservava características agrárias, como engenhos, chácaras, árvores centenárias e edificações do século XVII”.

A Praça Seca foi o primeiro núcleo de urbanização de Jacarepaguá. Seu nome deve-se ao antigo proprietário da região, o Visconde de Asseca, um dos pioneiros a promover seu desenvolvimento econômico. Deve-se ter em conta que ficava próxima de um importante entroncamento da cidade, o Largo do Campinho, onde, desde o século XVIII, se constituiu uma área de negócios e serviços (Martins 2009).

Waldemar Costa (1986) sugere que as estações de trens instaladas nas redondezas – Cascadura (1858), Madureira (1890), Dona Clara (1897) e Magno (1898) – foram importantes impulsionadoras do desenvolvimento da Praça Seca. Uma linha de bondes de tração animal, inaugurada em 1875, facilitou o alcance da linha férrea, melhorando o acesso a Jacarepaguá.

Segundo o autor, essa nova possibilidade de transporte facilitou até mesmo o cultivo de um hábito do Barão da Taquara, cuja família se tornou proprietária das antigas terras do Visconde de Asseca. Dono de cavalos de corridas, foi frequentador do Jockey Club e um dos fundadores do Derby Club, as mais importantes agremiações do turfê fluminense (Melo 2001). Vale citar essa ocorrência por ser um indício de que havia na região, desde a segunda metade do século XIX, alguma relação com os esportes equestres, o que não chega a surpreender dadas suas características rurais.

O Barão da Taquara foi um dos personagens mais importantes da história de Jacarepaguá, protagonista de importantes avanços na urbanização promovidos a partir dos anos 1900 (Costa 1986), quando se tornou mais intenso o processo de arruamento e de instalação de alguns serviços básicos. Vagarosamente, chegavam à Praça Seca algumas iniciativas de modernização relacionadas à difusão de ideais de civilização e progresso, algo que marcou o Rio de Janeiro na transição dos séculos XIX e XX, explícito num conjunto de reformas urbanas de grande impacto realizadas nas zonas Centro e Sul.

Nas décadas seguintes, diversas iniciativas municipais contribuíram para o desenvolvimento local. Por exemplo, na gestão de Paulo de Frontin (1919), modernizou-se a Estrada de Jacarepaguá (atual Cândido Benício). Já na administração Henrique Dodsworth (1937-1945), se iniciou a construção da estrada Grajaú-Jacarepaguá. A região foi paulatinamente se tornando mais urbana e integrada à cidade, sem abandonar de imediato suas características rurais (Santos 2011).

Os estudos de Abreu (1987) e Miyasaka (2016) ajudam a melhor perspectivar o perfil e as mudanças pelas quais passou a região. Em 1890, já havia a Freguesia de Jacarepaguá, integrando a Zona Suburbana da cidade. Possuía cerca de 16 mil habitantes (não somente a Praça Seca, ainda que essa fosse a principal área), menos do que Inhaúma, mais do que as outras dos subúrbios (Irajá, Guaratiba, Campo Grande, Santa Cruz, Ilha do Governador, Ilha de Paqueta).

Em 1906, o quadro mudou. Jacarepaguá passou a ser, dos sete Distritos da Zona Suburbana, o segundo menos habitado, reduzindo-se o número de moradores para quase 15.000. Explica-se tal

ocorrência por ter perdido uma parte de sua área para o Distrito da Tijuca (criado em 1903), bem como por não ser tão próximo da linha férrea como outras regiões do subúrbio que cresceram notavelmente (Abreu 1987). Em 1920, quase chegou aos 20 mil habitantes, mantendo-se um dos menos populosos.

Suas características rurais eram aparentes no perfil de ocupação dos moradores. Em 1890, das 21 Freguesias da cidade, era a terceira maior no tocante a trabalhadores da agricultura. Em 1906 e 1920, cresceu o número de habitantes com outras profissões, mas destacava-se mesmo por ser o quarto Distrito no que tange a gente envolvida com o setor agrícola.

Em 1940, Jacarepaguá ultrapassou os 71 mil habitantes, na década seguinte alcançando cerca de 107 mil. O processo de crescimento populacional e diversificação societária foram mais paulatinos do que em outras regiões da cidade. Manteve-se por mais tempo uma estrutura econômica na qual donos de terra exploravam agricultores, convivendo com produtores que trabalhavam em propriedades menores, açodados constantemente por conflitos fundiários (Santos 2013). De outro lado, no Distrito passaram a viver empresários, educadores, médicos, advogados e oficiais militares, em geral atraídos por um estilo de vida tranquilo e preços acessíveis para adquirir uma boa residência (Costa 1986).

Essa composição ajuda a entender as características iniciais do movimento agremiativo da região. De um lado, como em outros bairros, o crescimento populacional e a diversificação societária foram importantes fatores no tocante ao surgimento de clubes, inclusive os dedicados ao esporte. De outro, mesmo com a variedade de iniciativas, o processo foi mais tardio e lento do que em outras áreas da cidade.

Em 1915, fundou-se, na Praça Seca, a primeira agremiação que logrou algum destaque, a Associação Atlética Jacarepaguá, presidida pelo capitão Alberto Militão da Rocha, personagem importante da região (“Associação Atlética Jacarepaguá”, *O Século*, 18 dez. 1915, 1). A diretoria era integrada por oficiais do Exército e advogados. Além do caráter social, dedicava-se à prática do futebol, tendo participado de muitos eventos organizados por associações dos subúrbios, em especial pelo Cascadura Futebol Clube<sup>1</sup>. Chegou a integrar uma liga importante, a Associação Atlética Suburbana. Os jogos promovidos no seu campo aparentemente eram ocasiões muito festivas, contando com bom público e atividades como exibições de bandas de música e bailes<sup>2</sup>.

A propósito, deve-se fazer referência ao Cafundá Clube, dedicado a promover bailes, ativo na segunda metade dos anos 1900, provavelmente uma das pioneiras agremiações da Praça Seca. Um de seus dirigentes notáveis foi o Dr. Francisco Pinto da Fonseca Telles, filho do Barão da Taquara. Na década seguinte, houve, com fins semelhantes, o Clube Flor do Amor. Ambos promoveram animadas festas carnavalescas<sup>3</sup>.

Vale observar que, na década de 1930, além de blocos de carnaval, surgiram duas escolas de samba na região, a Corações Unidos e a Vai se Quiser. Nos anos 1950, se uniram dando origem ao Grêmio Recreativo Esporte e Samba União de Jacarepaguá (Costa 1986). Perceba-se como a prática esportiva e as atividades carnavalescas se integravam no âmbito do divertimento público.

Nos *grounds* de futebol, antecederam a Associação Atlética alguns clubes de menor repercussão, tal como o Zenith. Tais agremiações também se constituíram em importantes espaços de festa e sociabilidade<sup>4</sup>. A essas se juntaram duas sociedades dedicadas ao teatro, o Clube Dramático Familiar de Jacarepaguá e o Clube Recreativo de Jacarepaguá.

Há que se ter em conta que, nos anos 1910, houve, no Rio de Janeiro, uma grande difusão de agremiações de futebol (Santos 2010) e teatro (Penna-Franca 2016). São uma expressão da conformação de uma elite local que aderiu a ideias de civilização e progresso na perspectiva de modernização dos costumes. Ao mesmo tempo em que ao seu redor se organizavam as lideranças

<sup>1</sup> Ver, por exemplo: “Futebol”, *Jornal do Comércio*, 5 jan. 1918, 6.

<sup>2</sup> Ver, por exemplo: “Futebol”, *O Século*, 29 jan. 1916, 1.

<sup>3</sup> Na década de 1930, além de blocos de carnaval, surgiram duas escolas de samba na região, a Corações Unidos e a Vai se Quiser. Nos anos 1950, se uniram dando origem ao Grêmio Recreativo Esporte e Samba União de Jacarepaguá (Costa 1986).

<sup>4</sup> Ver, por exemplo, uma descrição de festa promovida no Zenith: “Futebol”, *O Paiz*, 17 dez. 1913, 10.

dos bairros, suas atividades difundiam novos hábitos por essas considerados adequados para localidades que estavam se estruturando e tinham que lidar mesmo com certos estigmas, representações que consideravam os subúrbios como o oposto da região central da cidade que passava por um processo de modernização (Fernandes 1995).

Perceba-se que, nessa década, surgiu também, na Praça Seca, uma das grandes novidades modernas: o cinema. Em 1911, inaugurou-se um denominado apenas como Cinematógrafo. Em 1913, abriu as portas o Cine Lux, em 1929 renomeado para Cine Ipiranga (Sousa 2014). Entre outros, em 1950, foi criado o Cine Baronesa, uma iniciativa mais arrojada. O proprietário, Handelino Almeda Bonfim, também possuía uma moderna lanchonete à moda americana que movimentava a vida social da região (Costa 1986).

No decorrer dos anos 1920 e 1930, muitas agremiações futebolísticas foram criadas em Jacarepaguá, entre as quais algumas que lograram maior destaque local, como o Parames, o Albano, o Marangá e o Bandeirantes (Costa 1986). Nessas décadas, algumas dessas promoveram páreos de bicicleta, mas somente em 1949 fundou-se uma dedicada à modalidade: o Clube de Ciclismo de Jacarepaguá (“A Primeira demonstração do Clube de Ciclismo de Jacarepaguá”, *A Noite*, 13 jan. 1949, 1), que, no final do ano seguinte, deu lugar ao Velo Clube de Jacarepaguá (*Diário Oficial da União*, 31 jan. 1955, seção 1, 62).

Deve-se também fazer referência a clubes envolvidos com o basquete, como o Grêmio Ateniense, o União de Jacarepaguá e o Rex, fundado em 1938, dedicado centralmente à bola ao cesto, mas também ao voleibol e à peteca americana (“O Rex B. C”, *Jornal dos Sports*, 23 mar. 1938, 3). A agremiação promovia ainda provas de atletismo e estimulava o envolvimento feminino nos esportes.

Segundo Costa (1986), foi por divergências no interior do Rex que um grupo de associados tomou a iniciativa de fundar, em 1939, o Jacarepaguá Tênis Clube, agremiação que nos chamou a atenção por ser uma das únicas dos subúrbios a ter uma equipe de hipismo. Na verdade, nas origens da modalidade, em 1899, houve o Steeple-Chase Rural Clube, localizado na Penha (Melo e Peres 2016). Deve-se citar também que Santa Cruz teve um hipódromo nos anos 1920 (Melo 2009). Ambos, todavia, não se relacionavam com a melhor estruturação que teve a equitação no decorrer do século XX, quando se organizaram mais competições, clubes e ligas.

Ainda que em certa medida sejam contemporâneos, o turfê e o hipismo tiveram trajetórias distintas. Seus protagonistas pertenciam, aproximadamente, a um mesmo grupo social, proprietários de cavalos, gente de estrato socioeconômico alto. As corridas turfísticas, contudo, se popularizaram, contando, inclusive, com alguns personagens de destaque oriundos de camadas populares: os jóqueis (Melo 2001). Já a equitação, durante muito tempo, foi encarada como forma de educação das elites, bem como prática de importância na formação militar. Quando se organizou como uma modalidade esportiva, manteve-se restrita a grupos sociais de maior poder financeiro, assim como a oficiais do Exército (Melo e Peres 2016).

Somente a partir da década de 1910, a modalidade começou a melhor se estruturar com a criação do Clube Esportivo de Equitação. Nos anos 1930, o esporte teve maior impulso quando essa agremiação se uniu ao Centro Hípico Brasileiro dando origem à Sociedade Hípica Brasileira, cuja sede foi instalada nas redondezas do Jockey Club Brasileiro, na Lagoa Rodrigo de Freitas.

Na década de 1940, a modalidade teve outro importante avanço com a criação da Federação Metropolitana de Hipismo, uma das fundadoras da Confederação Brasileira (1941), bem como com a estruturação das primeiras iniciativas do que seria a Escola de Equitação do Exército, a princípio instalada em Realengo. Nesse momento profícuo para o esporte, surgiu a equipe equestre do Jacarepaguá Tênis Clube<sup>5</sup>.

Este artigo tem por objetivo discutir, a partir de sua repercussão pública, a experiência dessa sociedade esportiva considerando que as iniciativas associativas são relevantes indicadores dos

---

<sup>5</sup> Nas proximidades, na Barra da Tijuca, em 1935, foi criado o Itanhangá Golfe Clube, que também possuía equipe de hipismo. Essa agremiação, contudo, sempre esteve mais ligada à experiência da Zona Sul, não relacionada à Zona Suburbana.

processos de urbanização, conformação de identidades e produção do espaço<sup>6</sup>. Perceba-se que o Jacarepaguá Tênis Clube foi criado num momento em que já havia certa efervescência na vida social local, marcada, inclusive, por uma maior estruturação de um mercado de entretenimentos do qual faziam parte as agremiações esportivas que surgiram, um indicador de que na Praça Seca havia movimentos de adesão a ideias de civilização e progresso. A despeito disso, ainda se tratava de uma área rural, perfil que se manteve até os anos 1960 (Santos Junior 2016), quando se deu um fluxo de grande crescimento<sup>7</sup>. Havia, portanto, uma certa ambiência para o desenvolvimento de práticas equestres.

Neste estudo, adotou-se o recorte temporal de 1940 a 1957, período em que a equipe de hipismo do Jacarepaguá Tênis Clube manteve-se ativa. Para alcance do objetivo, tendo em vista que se procurou discutir a repercussão pública da iniciativa, como fontes foram majoritariamente utilizados revistas e jornais publicados no Rio de Janeiro, todos os títulos disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, consultados a partir de palavras-chave (“Jacarepaguá Tênis”, “Hipismo”, Equitação”). Buscou-se também informações sobre a agremiação no Diário Oficial da União, veículo que publicava atos normativos oficiais do país.

Este artigo é parte de um projeto cujo intuito é discutir a heterogeneidade da formação dos subúrbios cariocas, nos dias atuais lamentavelmente muito relacionados a episódios de degradação urbana. No caso do bairro de Jacarepaguá, deve-se ter em conta que Santos e Dória (2013) apontam que há pouco conhecimento da sua história no que tange aos 60 anos iniciais do século XX.

Lançar um olhar sobre uma região ainda pouco investigada é contribuir não só para perceber de forma mais múltipla a história do esporte e a história do Rio de Janeiro, como também para reivindicar maior atenção e reconhecimento das diversas experiências que marcaram a trajetória da cidade. Mais ainda, esperamos ressaltar como as ocorrências esportivas podem ser úteis para observarmos as peculiaridades dos processos de urbanização.

## Jacarepaguá Tênis Clube

Como vimos na introdução, na primeira metade do século XX, a Praça Seca, a despeito de manter muitas características rurais, já era uma região marcada por muitas iniciativas de modernização. Costa (1986) demonstra que era habitada por personagens de destaque na cidade, alguns deles envolvidos com o Jacarepaguá Tênis Clube.

Por exemplo, o compositor Braguinha morou na Praça Seca. Um de seus irmãos, Renato Braga, foi dirigente da agremiação. Outro, Abelardo, foi enxadrista (Costa 1986). Também viveu na região, com seu segundo marido (Tito Clement), a cantora Dalva de Oliveira, em muitas ocasiões homenageada no clube. Do âmbito artístico, por lá também moraram os maestros Guerra Peixe e Pixinguinha.

Viveram, na Praça Seca, renomados médicos (como José Matias Gurgel do Amaral, Manuel de Moraes, Álvaro Dias e Armando de Mesquita), engenheiros (Alfredo Maia), empresários (como Raul Caneco, proprietário do Estaleiro Caneco; Argemiro Bulcão, futuro dono do Jornal dos Sports, cujo irmão, Waldir, tinha fortes ligações com o Jacarepaguá Tênis Clube; o industrial Armindo da Fonseca; Joaquim de Oliveira, fundador dos Supermercados Leão; bem como muitos comerciantes), militares (como o General Francisco Paula Argolo, Ministro da Guerra de Rodrigues Alves), educadores importantes (como Ernani Cardoso e Sousa Marques), políticos (entre os quais Lauro Muller, Breno da Silveira, Cândido Benício e Geremário Dantas) (Costa 1986).

<sup>6</sup> Para um debate sobre a importância dos clubes, ver Agulhon (2009). Sobre a relevância dos clubes no cenário suburbano, ver Melo (2020). Sobre o conceito de produção do espaço, ver Carlos (2019).

<sup>7</sup> A região cresceu em função da instalação de um parque industrial farmacêutico e construção de muitos prédios nas antigas terras de lavradores, muitos tendo relação com conflitos de terra (Santos 2013). Nos dias de hoje, a Região Administrativa de Jacarepaguá é integrada pelos seguintes bairros: Jacarepaguá, Anil, Gardênia Azul, Curicica, Freguesia, Pechincha, Taquara, Tanque, Praça Seca, Vila Valqueire. Possui pouco mais de 570 mil habitantes (Instituto Pereira Passos, dados de 2010).

Perceba-se, portanto, que havia uma elite local bem constituída. Não seria improvável o surgimento de uma agremiação que procurasse melhor expressar sentidos de status e distinção, menos popular do que os clubes de futebol, sempre mais afeitos às dinâmicas de contatos públicos.

Note-se que, desde 1935, já circulavam nos jornais notícias sobre a intenção de criar o Jacarepaguá Tênis Clube. Um cronista do *Diário Carioca* sugeriu que, nesse ano, já estavam assentadas as suas bases, em pouco tempo havendo “mais de duas centenas” de adesões, “as figuras centrais daquela localidade e da sua vizinhança” (“Assentadas as bases de fundação do Jacarepaguá Tênis Clube”, *Diário Carioca*, 25 set. 1935, 15). Envolvidos com a iniciativa, se encontravam nomes conhecidos, como os já citados Souza Marques e Ernani Cardoso. Esse último cedeu as instalações de seu famoso colégio, o Ginásio Arte e Instrução, para as reuniões preparatórias.

A matéria deixa clara a intenção: reunir num clube as “melhores famílias de Jacarepaguá”, claramente uma indicação do estrato social dos envolvidos. Percebe-se também o intuito de estimular a prática de diversos esportes, bem como o de que a iniciativa pudesse contribuir com o progresso do bairro. A dificuldade maior, segundo o cronista, seria conseguir “um terreno adequado para a construção da sede social”.

A iniciativa teve repercussão em mais dois periódicos, o *Correio da Manhã* e o *Jornal do Brasil*, ambos efusivamente saudando a ideia de criação do clube. Para um cronista do primeiro, tendo em vista o progresso da região, era uma necessidade “a fundação de um clube elegante que proporcione a sua melhor sociedade reuniões esportivas e sociais de alta distinção” (“Comentando”, *Correio da Manhã*, 27 set. 1935, 11).

Não conseguimos saber os motivos que impediram a concretização da ideia. De toda forma, em junho de 1939, surgiu oficialmente o Jacarepaguá Tênis Clube, assumindo o compromisso de “promover entre seus associados a cultura física e todos os divertimentos e reuniões de caráter social” (*Diário Oficial da União*, 9 ago. 1940, seção 1, 90).

Essa segunda iniciativa teve, pelo menos a princípio, um perfil ligeiramente distinto da anterior: tratava-se de, como vimos, um grupo originário do Rex Basquete Clube. De toda forma, o primeiro presidente, José de Souza Muniz, funcionário da Central do Brasil, junto com os outros diretores, conseguiu rapidamente angariar muitos apoios entre a elite da Praça Seca (Costa 1986).

Muniz faleceu em 1940, assumindo a presidência Armando de Mesquita. Médico de renome, liderança do bairro, personagem de grande importância na trajetória da agremiação, o dirigente usou seu prestígio para potencializar o desenvolvimento e a repercussão pública do clube.

No mesmo ano de sua fundação, teve início a construção da sede num terreno que ia da Rua Capitão Menezes até o Beco Mário Pereira. Contando com rápida adesão de sócios, de início, foram construídas quadras para a prática do basquete e do vôlei (“Pelos subúrbios”, *Jornal do Brasil*, 1 mar. 1940, 16), logo promovendo-se torneios internos dessas modalidades. Previu-se também a instalação de uma piscina e estruturas para o tênis e a equitação (“Cresce o Tênis Clube de Jacarepaguá”, *O Imparcial*, 17 nov. 1940, 4). Perceba-se que a agremiação se manteve distante do popular futebol.

A rápida estruturação da sede foi motivo de celebração por muitos cronistas, encarada como sinal de que eram convictas as pretensões da agremiação, o que, na interpretação de um periodista, daria à Praça Seca “um ponto de reuniões sociais e esportivas, o que não existia até então, porque não havia em Jacarepaguá um clube social e esportivo, e sim projetos” (“Atividade nos pequenos clubes”, *O Jornal*, 22 nov. 1940, 8). Note-se que esse discurso desconsiderava a importante experiência de outras associações locais, demarcando bem a distinção que cercava a nova iniciativa.

Tanto a repercussão quanto a rapidez das obras tinham relação com o estrato social dos associados do Jacarepaguá Tênis. No olhar de um cronista, “o longínquo e populoso bairro (...) já possui seu clube de elite, onde poderão se reunir as famílias da localidade (...), podendo mesmo ser comparado aos grandes clubes da metrópole” (“No setor do esporte pequeno”, *Diário da Noite*, 20 nov. 1940, 7). Outro periodista o definiu como “clube grão-fino dos subúrbios” (“Pelos subúrbios”, *Jornal do Brasil*, 31 mar. 1940, 7).



As ações da diretoria apontavam para a busca de uma repercussão que extrapolaria as fronteiras do Distrito. Apresentavam uma visão não estereotipada dos subúrbios: não era o lugar somente do rural e da ausência de práticas civilizadas; por lá também se aderiu a ideias de progresso.

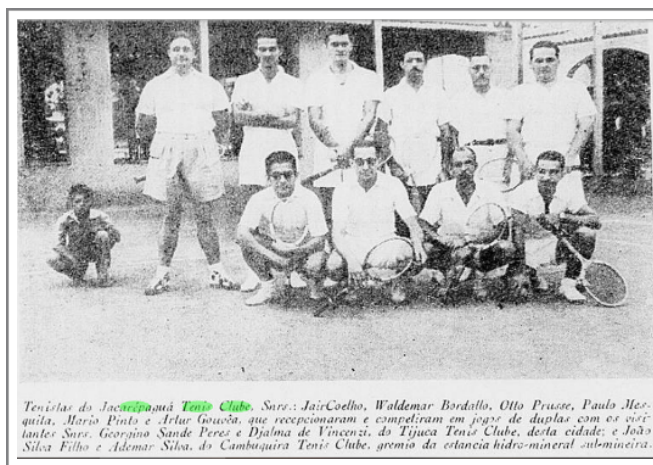
O Jacarepaguá Tênis seria uma expressão do rural civilizado que supostamente deveria caracterizar o bairro, um ajuste entre duas noções que poderiam, a princípio parecer opostas, mas que, na verdade, se ajustaram e interpenetraram em várias ocasiões. Na verdade, alguns estudiosos já discutiram que essa é uma regularidade em muitas localidades do Brasil, identificando-se persistências e convivências entre o rural e o urbano, um certo ajuste e hibridismo de experiências e representações que incide diretamente sobre a vida cotidiana (Rocha e Pizzolatti 2005; Rodrigues 2014).

Na mesma medida, as iniciativas da diretoria conformavam uma representação de elite para a cena pública local, sendo o clube uma arena na qual se podia identificar quem eram as lideranças de Jacarepaguá. Antes mesmo dos eventos esportivos, o que garantiu tal reconhecimento foram as festas e bailes promovidos, ocasiões de acesso restrito, mas que mobilizavam o bairro<sup>8</sup>.

Tais ocasiões também ajudavam na construção e celebravam a sede<sup>9</sup>, inaugurada solenemente, em 1941, com um jogo de basquete contra o Grajaú Tênis Clube (“O Jacarepaguá Tênis Clube inaugura hoje”, *A Noite*, 14 jun. 1941, 7), agremiação criada em 1925, cujos associados tinham um perfil societário de estrato médio<sup>10</sup>. Logo chegava aos jornais sua intensa programação social – festas, bailes, shows e apresentações teatrais – e esportiva – partidas de voleibol, basquetebol, ping pong<sup>11</sup>. Na inauguração das quadras de tênis, estiveram presentes grandes nomes da modalidade que, junto com a equitação, foi relevante na consolidação de uma imagem de elite para a associação (“Tênis”, *Jornal do Brasil*, 8 ago. 1941, 12) (Figura 1).

De fato, Armando de Mesquita potencializou a dupla intenção do clube. De um lado, o tornou ainda mais visível na cidade. De outro, reiterou seus compromissos com o local, como certa feita bem afirmou um dos diretores: “tudo temos feito, à medida de nossas forças, para incrementar o progresso de nosso bairro que, infelizmente, não havia logrado ainda as vistas generosas da Municipalidade” (“Coisas da cidade”, *Jornal do Brasil*, 2 dez. 1941, 6).

Uma expressão dessa intenção de contribuir com o desenvolvimento do bairro foram as atividades beneficentes promovidas, como o “Natal dos pobres de Jacarepaguá”, evento organizado durante anos no qual se contava com a contribuição dos comerciantes locais para distribuir alimentos e brinquedos às famílias de poucas posses (“O Natal dos pobres de Jacarepaguá”, *A Manhã*, 24 dez. 1944, 5). Os cronistas usualmente reconheciam tais ações como importantes contributos para o progresso da região<sup>12</sup>.



Tenistas do Jacarepaguá Tênis Clube. Srs.: Jair Coelho, Waldemar Bordallo, Otto Prusse, Paulo Mesquita, Mário Pinto e Arlur Góssia que receberam e competiram em jogos de duplas com os srs.: André Sara, Geórgio Sande Perez e Djalma de Viveiros, do Tijuca Tennis Clube, desta cidade; e João Silva Filho e Ademar Silva, do Cambuquira Tennis Clube, gremio da estância hidro-mineral subterrânea.

Figura 1. Equipe de tênis do Jacarepaguá em evento no clube. Fonte: *Sport Ilustrado*, 7 out. 1943, 15.

<sup>8</sup> Ver, por exemplo: “A grande festa caipira do Jacarepaguá T. Clube”, *Diário Carioca*, 28 jun. 1940, 11. Mesmo as festas carnavalescas eram de acesso limitado, sem convites extras e com restrições no que tange às fantasias e comportamentos (ver, por exemplo: “Carnaval nos pequenos clubes”, *Diário da Noite*, 22 fev. 1941, 7).

<sup>9</sup> Ver, por exemplo: “Festa da cumeieira no Jacarepaguá Tênis Clube”, *Diário Carioca*, 16 ago. 1940, 8.

<sup>10</sup> Para mais informações sobre o Grajaú, ver Leite (2012).

<sup>11</sup> Ver, por exemplo: “No Jacarepaguá T. C”, *A Noite*, 5 ago. 1941, 7. Tornou-se comum os jornais anunciarem a programação sempre intensa do clube.

<sup>12</sup> Ver, por exemplo: “A trajetória brilhante do Jacarepaguá T. C”, *Jornal dos Sports*, 25 jul. 1941, 5.

Perceba-se que, sintonizado com o espírito de seu tempo<sup>13</sup>, Mesquita definiu a agremiação como “escola de civismo”, uma coadjuvante “eficiente e prática para tornar os esportes um núcleo viril da nacionalidade” (“A trajetória brilhante do Jacarepaguá T. C”, *Jornal dos Sports*, 25 jul. 1941, 5). Um cronista fez eco a tais intenções: “A petizada do bairro encontra, (...), ali vasto campo para o desenvolvimento físico e aproveitamento de suas qualidades esportivas” (“O Aniversário do Jacarepaguá Tênis Clube”, *A Manhã*, 17 jul. 1942, 9). O Jacarepaguá Tênis passou mesmo a ser reconhecido por sua intensa atividade: torneios internos, jogos com outros clubes, participação em campeonatos. Destacava-se o grande envolvimento feminino nas modalidades (Figura 2).



Figura 2. Equipes femininas de vôlei do Jacarepaguá (em pé) e do Mackenzie (agachadas). Fonte: *Sport Ilustrado*, 5 ago. 1943, 20.

Alguns bons resultados foram motivos de celebração no bairro, como a vitória da equipe de basquete sobre o Flamengo, agremiação de prestígio na cidade (“O Jacarepaguá derrotou o Flamengo”, *O Imparcial*, 2 nov. 1941, 12). A propósito, várias sociedades esportivas de renome estiveram na sede da Praça Seca, entre as quais o Fluminense, o América e o Tijuca Tênis Clube<sup>14</sup>.

A fim de consagrar sua inserção nos meios esportivos cariocas, em pouco tempo o Jacarepaguá se associou a ligas de diversas modalidades. Em 1942, já integrava a Federação Metropolitana de Voleibol e de Basquetebol. No ano seguinte, se ligou à Federação Metropolitana de Tênis.

Enfim, rapidamente a agremiação logrou sucesso. O título de uma matéria, bastante elogiosa e cheia de fotos, é uma expressão de suas representações: “Um clube extremamente familiar. Quatro anos de existência e progresso. Difunde eugenia. Sociabilidade e desportismo” (*Sport Ilustrado*, 5 ago. 1943, 20). Sempre se ressaltava a elegância de sua sede e o fato de que era uma associação de elite que assumiu compromissos com o bairro, a cidade e a nação por meio de sua disposição de educar a juventude.

No mesmo ano de 1943, em outra matéria cheia de elogios, entre as imagens da sede social e instalações esportivas, se publicou uma da pista de equitação (Figura 3). Segundo o cronista, “são simplesmente notáveis as festas hípicas que o Jacarepaguá Tênis Clube realiza. Com o concurso sempre brilhante de amazonas, oficiais de nosso Exército e civis em geral, elas têm transcurso ímpar” (“Jacarepaguá Tênis Clube”, *Rio Social*, jan.-fev. 1943, 56). Nesse sentido, poderia o clube “jatar-se do núcleo ‘raffine’ criado para a satisfação da sociedade carioca”. Entre tantas e rápidas ações, já no ano de 1940, nos jornais se anunciou que estavam prontas as instalações dedicadas à equitação: “O Jacarepaguá T. Clube criou uma seção de Hipismo” (*A Noite*, 11 dez. 1940, 7). É sobre essa experiência que vamos nos debruçar.

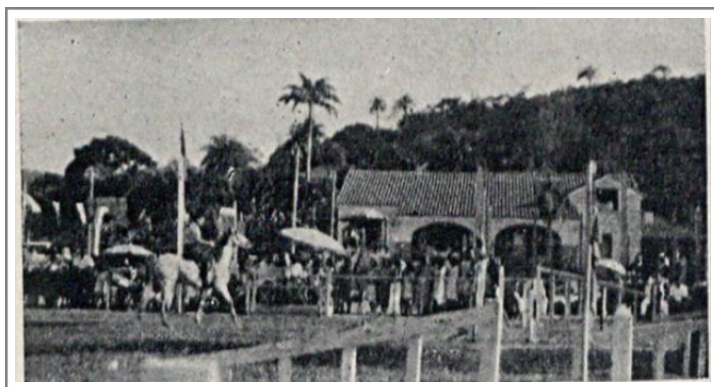


Figura 3. Pista de equitação do Jacarepaguá Tênis Clube. Fonte: *Rio Social*, jan.-fev. 1943, 56.

<sup>13</sup> No período, o esporte passou a ser um tema de relevância nacional, articulado com preocupações com a educação da juventude tendo em vista o futuro da nação. Para um debate sobre o tema, ver Linhales (2009).

<sup>14</sup> Ver, por exemplo: “A festa de domingo”, *Jornal dos Sports*, 17 abr. 1942, 4



## Cavalos no bairro das lagoas de jacarés<sup>15</sup>

Como de costume nos momentos iniciais do clube, já em 1941, o Jacarepaguá Tênis solicitou filiação à Federação Metropolitana de Hipismo. Oficialmente a pista foi inaugurada em outubro, nomeada General Rocha<sup>16</sup>. Junto com Armando de Mesquita, um dos principais impulsionadores da prática na agremiação foi Luiz Ferreira Real, comerciante de destaque da Casa Dias e Garcia, especializada em produtos agrícolas.

Em pouco tempo, a sede da Praça Seca já sediava competições que contavam com as principais agremiações de equitação da cidade. Em 1942, um cavaleiro do Jacarepaguá Tênis, capitão Expedito Correa<sup>17</sup>, sagrou-se campeão deixando em segundo lugar um personagem conhecido,

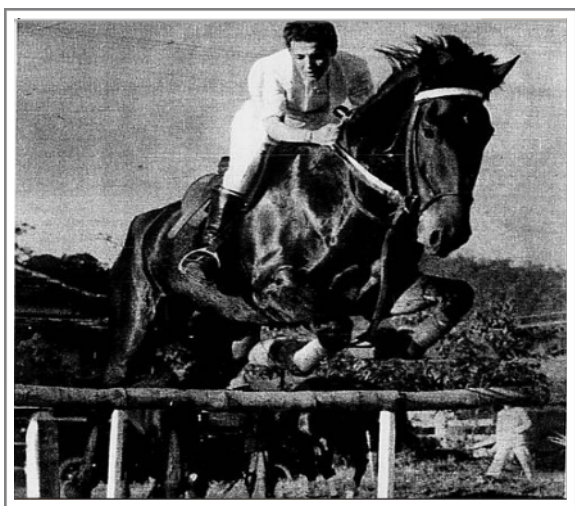


Figura 4. Foto da amazona Yolanda Rosenbaum em prova disputada na pista do Jacarepaguá Tênis Clube. Fonte: *A Noite*, 2 jun. 1942, 16.

Roberto Marinho, proprietário do jornal *O Globo*, representante da prestigiosa Sociedade Hípica (*A Noite*, 2 jun. 1942, 16). Entre outras, destacava-se a participação da amazona Yolanda Rosenbaum (Figura 4). Foi a primeira de muitas provas promovidas naquela pista.

A pista, apesar de mais modesta do que outras da cidade, era considerada, naquele momento, como adequada, contando sempre com circuitos bem preparados. Assim como outras instalações do clube, logo foi iluminada para que pudesse ser utilizada à noite. As atividades de equitação não foram promovidas apenas seguindo um calendário próprio, integrando também a programação dos festivais sociais/esportivos do Jacarepaguá Tênis, entre as quais suas comemorações de aniversários<sup>18</sup>. Eram ocasiões muito valorizadas, plenamente articuladas com os intuits da agremiação. Compunham efetivamente a esfera elitista que desejava para si.

Não surpreende, assim, que, numa ocasião importante para o clube, quando foi concedido ao prefeito do Rio de Janeiro, Henrique Dodsworth, o título de sócio honorário, a diretoria tenha escolhido uma competição hípica para a celebração. O envolvimento com a equitação distinguia o Jacarepaguá Tênis no conjunto das agremiações suburbanas, e mesmo da cidade, sendo considerado adequado para a festa de grande porte que planejou. Contando com a participação de mais de 40 cavaleiros e amazonas de todas as sociedades hípias, o evento também homenageou Getúlio Vargas (“A festa hípica do Jacarepaguá T. C.”, *Jornal do Brasil*, 22 abr. 1943, 7).

A iniciativa teve em conta agradecer os melhoramentos que o prefeito fez no bairro, entre os quais a pavimentação da Avenida Geremário Dantas e vários outros logradouros, a canalização de diversos rios, bem como obras na Igreja de Nossa Senhora da Penha. Lembremos que em sua gestão teve início a construção da Grajaú-Jacarepaguá. A propósito, na cerimônia do Jacarepaguá Tênis Clube, homenageou-se também o engenheiro-chefe do Distrito, Edgar Soutelo, ocasião em que esteve presente o Diretor de Obras Públicas da cidade, Soares Pereira (“Vão ser atacadas obras importantes em Jacarepaguá”, *Jornal do Brasil*, 26 ago. 1943, 10).

<sup>15</sup> Jacarepaguá vem do nome tupi da região (yacare, upa, qua), que pode ser traduzido como vale da lagoa dos jacarés, uma referência à grande presença do animal nas lagoas locais.

<sup>16</sup> Antônio da Silva Rocha teve um longo envolvimento com o turfe e com o hipismo, inclusive na condição de cavaleiro. No Exército, teve longa atuação nos serviços de remonta e veterinária. Foi morador de Jacarepaguá, tendo durante anos residência no Caminho da Freguesia.

<sup>17</sup> Correa foi usual participante nas competições da modalidade. Foi também comandante do Curso Especial de Equitação e da Escola de Equitação do Exército. Assumiu postos em diretorias da Federação de Hipismo.

<sup>18</sup> Ver, por exemplo: “O aniversário do Jacarepaguá Tênis Clube”, *A Manhã*, 17 jul. 1942, 9.

O intuito era claro: a agremiação assumia a liderança e falava em nome dos moradores do bairro. Perceba-se que estiveram presentes nas duas cerimônias personagens locais de grande importância, tais como os já citados Ernani Cardoso e Sousa Marques, o industrial Adelino Morais, o vigário de Jacarepaguá Geraldo Carneiro. A propósito, na ocasião, o engenheiro-chefe listou tudo o que foi feito e apresentou uma longa lista de promessas de realização.

Com o mesmo intuito de valorizar quem contribuía com o desenvolvimento local, pelos seus serviços de saneamento dos mangues e pântanos da região, aumentando tanto a área potencial de agricultura quanto de urbanização, a diretoria homenageou o prefeito Hildebrando de Góes (“Um dia de festa para o Jacarepaguá Tênis Clube”, *Vida Doméstica*, ago. 1946, 34).

De fato, o Jacarepaguá Tênis apoiou também iniciativas ligadas à organização do setor agrícola local, como o Clube Avícola Darci Vargas e a Cooperativa de Lavradores. Na verdade, a agremiação, de alguma forma, se posicionava contra o processo de grilagem das terras que se tornou um problema para a região (Santos 2013).

As diretorias do Jacarepaguá Tênis demonstravam muita articulação política. No decorrer do tempo, a sede recebeu a visita de muitos deputados, senadores, prefeitos e lideranças diversas<sup>19</sup>. Até mesmo por tais relacionamentos, assim como ocorria com outras modalidades, no âmbito do hipismo, foram usuais discursos de contribuição para a nação. Uma das ocasiões em que isso se tornou explícito foi quando se engajou em esforços para apoiar as forças armadas que participaram da 2ª Grande Guerra (“Iniciam-se hoje os festejos do Natal da Vitória”, *Diário Carioca*, 25 dez. 1942, 15).

O hipismo era um esporte que contava com grande participação de militares, alguns deles sócios do Jacarepaguá Tênis. Uma parte integrou a Força Expedicionária Brasileira e lutou na Europa, entre os quais uma de suas mais proeminentes lideranças: Expedito Correa. Ao fim do conflito, foram recebidos no clube como heróis, com grandes homenagens, considerados como exemplos de que o bairro também contribuía com a glória do país (“Nos céus do Brasil não há lugar para sinais alienígenas e materialistas”, *Jornal do Brasil*, 19 out. 1945, 6).

Perceba-se que até mesmo as agremiações civis contavam com competidores das Forças Armadas, majoritariamente do Exército<sup>20</sup>. Todavia, o Jacarepaguá Tênis teve alguns cavaleiros civis de destaque, como Carlos Valgueredo. Também integraram sua equipe algumas amazonas, entre as quais Corinne Desy, embaixatriz do Canadá que lograva certo prestígio na sociedade carioca.

Integrado no meio hípico carioca, o Jacarepaguá Tênis foi presença frequente nos eventos da Federação e Confederação, acolhendo em sua sede competições promovidas por essas entidades. Recebeu na sua pista os melhores cavaleiros e amazonas do Rio de Janeiro. Tais ocasiões, levaram um público de elite para o bairro suburbano. Reforçava-se a representação de que Jacarepaguá era o local do rural refinado.

Não surpreende, portanto, que, em 1946, sob a presidência do conhecido publicitário Agostinho Alves Costa, inserido num projeto de reforma do clube, a diretoria tenha comunicado o intuito de ampliar as instalações de equitação. A ideia era transferir a pista para um terreno maior nas proximidades onde se poderia aperfeiçoar os serviços oferecidos (coudelaria, veterinários etc.) (“O Jacarepaguá Tênis Clube”, *Diário da Noite*, 9 jul. 1946, 5). Chegou-se a aventar nos periódicos que o departamento hípico seria desativado até a realização das mudanças.

Nada disso ocorreu. A pista seguiu funcionando, mas com menor número de atividades, mais utilizada para eventos internos, ainda que contando com cavaleiros não associados, especialmente militares de unidades que se dedicavam ao hipismo, algo que teve relação com o protagonismo que Expedito Correa logrou ter na direção da agremiação. Eventualmente, sediou competições da Federação Metropolitana, mas não da classe principal.

<sup>19</sup> Em 1956, o clube sediou sessões do Congresso Pró-Autonomia, que reunia lideranças locais para discussão dos problemas e reivindicação de melhorias para o bairro (“Atos de hoje em prol da autonomia carioca”, *Imprensa Popular*, 15 abr. 1956, 8).

<sup>20</sup> A Federação contava com mais dois clubes civis (Sociedade Hípica Brasileira e o Centro Hípico Fluminense) e outras agremiações militares.

Em 1947, quando Waldemar Fernandes da Cunha assumiu a presidência, as mudanças propostas pela gestão anterior parecem não ter se realizado, ainda que o clube tenha mantido seu prestígio e grande movimentação esportiva. Devemos citar que o Jacarepaguá Tênis marcou presença numa modalidade que teve menor desenvolvimento na cidade e no país, mas também, na ocasião, alguma repercussão pública: o polo a cavalo (“Polo”, *Gazeta de Notícias*, 5 mai. 1944, 9).

Com esse esporte, havia outras sociedades envolvidas: o Itanhangá Golfê Clube, o Clube de Regatas do Flamengo e uma agremiação suburbana que foi a segunda a se envolver com as práticas equestres, antiga parceira do Jacarepaguá Tênis Clube – o prestigioso Bangu Atlético Clube.

Tendo em vista a conexão dessa experiência com a que estamos investigando, vamos nos debruçar brevemente sobre ela.

### Um parceiro nas terras da Fábrica

Bangu é um dos bairros mais conhecidos do Rio de Janeiro. Seu processo de desenvolvimento é muito peculiar por dever-se a implantação, nos anos finais do século XIX, de uma indústria têxtil, a Companhia Progresso Industrial do Brasil, mais conhecida como Fábrica Bangu (Santos Junior 2102).

Antes uma área rural, o bairro passou por rápidas transformações, um processo de modernização que se desenvolveu tendo a Fábrica Bangu como protagonista, inclusive no tocante ao surgimento e funcionamento de agremiações diversas, algumas que já nasceram bem estruturadas até mesmo em função da liderança de britânicos que trabalhavam no empreendimento fabril (Santos Junior 2017). Entre essas iniciativas, o Bangu Atlético Clube foi fundado, em 1904, já com caráter multiesportivo, dedicando-se ao atletismo, futebol, tênis e críquete. No decorrer do tempo, dirigido por personagens importantes do bairro, ampliou progressivamente o escopo de modalidades com as quais se envolveu (Molinari 2004).

Em 1944, aderiu ao hipismo. Em junho, inaugurou-se, com grande divulgação na imprensa, sua pista de equitação (“Inaugura-se a pista de obstáculos do Bangu Atlético Clube”, *A Noite*, 7 jun. 1944, 17). Uma das primeiras provas homenageou Guilherme da Silveira Filho, um dos maiores líderes do bairro e da agremiação, empresário de grande importância na política e na economia nacional. Dois importantes personagens estiveram à frente da estruturação do Departamento: o Dr. Evaristo Daltro de Castro<sup>21</sup> e o Tenente Castro Pinto<sup>22</sup>.

A pista foi instalada num espaço de propriedade da Fábrica, a Granja Independência. Dois cavaleiros participaram ativamente da sua construção, João Néelson Frota Junior<sup>23</sup> e Nelson Pessoa, pai de um dos mais importantes atletas da equitação nacional: Nelson Pessoa Filho<sup>24</sup> (Figura 5). Merece destaque ainda o envolvimento de uma amazona, Teddy Barbosa Carneiro, membro de uma família de elite muito envolvida com o hipismo<sup>25</sup>.

O Bangu estreou já tomando parte nas competições oficiais da Federação Metropolitana, bem como acolhendo em sua pista provas da temporada (“Hipismo”, *Jornal do Comércio*, 22 out. 1944, 12). Do ponto de vista dos resultados, o clube sempre se situou nas últimas posições, mas foi muito

<sup>21</sup> Castro era advogado e dono de uma empresa de engenharia. Funcionário de alto cargo na prefeitura, esteve também envolvido com o turfe.

<sup>22</sup> Personagem importante da cidade, diretor da Casa de Correção, literato e jornalista. Foi um dos melhores cavaleiros do país a seu tempo.

<sup>23</sup> Remador de sucesso do Flamengo, era oficial da reserva da arma de cavalaria. Advogado, foi também alto funcionário da prefeitura.

<sup>24</sup> Nelson Pessoa Filho começou a cavalgar muito cedo na pista do Bangu, onde a família tinha uma propriedade rural. No decorrer do tempo, se tornou a maior revelação da equitação nacional. Seu filho, Rodrigo Pessoa, faz jus ao sucesso da família com a equitação.

<sup>25</sup> Foi uma das pioneiras e mais laureadas amazonas de seu tempo. Logrou muitos bons resultados numa modalidade em que homens e mulheres disputavam em conjunto, o único esporte em que, até os dias de hoje, isso ocorre.

aclamado por levar o esporte de elite para uma região distante do Centro/Zona Sul da cidade. Além disso, o desempenho de Pessoa Filho foi sempre motivo de destaque<sup>26</sup>.

Para as lideranças de Bangu, a adesão ao hipismo teve alguns sentidos semelhantes aos de Jacarepaguá. Tratava-se de conformar uma representação de refinamento dos costumes. No caso do bairro da Fábrica, contudo, havia a diferença de uma formação societária mais diversa em função do maior número de operários. Além disso, o clube tinha uma trajetória esportiva reconhecida, inclusive no âmbito do futebol. A equitação, portanto, dava um caráter mais elitista a uma agremiação popular, atraindo um novo perfil de associados, bem como de público que comparecia aos eventos.

Perceba-se que havia relações de amizade entre os clubes de Bangu e Jacarepaguá. Desde o início dos anos 1940, promoveram frequentes encontros esportivos. Não é impossível que o segundo tenha inspirado o primeiro na abertura de uma seção de hipismo. Tratava-se de uma confraternização de uma elite suburbana que se reconhecia em ações em conjunto.

Na comemoração do primeiro ano de funcionamento da pista do Bangu, o Jacarepaguá Tênis Clube foi convidado de honra, ocasião em que foi organizada uma prova hípica que contou com os melhores cavaleiros e amazonas do Rio de Janeiro, gente de todos os clubes da cidade (“O primeiro aniversário do Departamento Hípico do Bangu A. C”, *A Noite*, 28 jun. 1945, 17). Só entre competidores, foram mais de oitenta, para além de seus acompanhantes e torcedores. Bem menos gente do que num jogo de futebol, mas uma plateia que foi destacada nos jornais como “elegante e seleta” (“O concurso hípico no Bangu Atlético Clube”, *A Noite*, 30 jun. 1945, 8).

A iniciativa durou pouco tempo, a despeito do aparente sucesso. Depois de quase dois anos de funcionamento, não se publicaram mais notícias sobre a pista de Bangu. Como vimos, nesse momento, a equipe do Jacarepaguá ainda se mantinha ativa, mas logo também reduzir-se-ia sua atividade. Por lá, contudo, houve uma retomada das práticas equestres.

### Breve retomada e o fim de uma experiência

Em 1948, o aniversário de nove anos do Jacarepaguá Tênis Clube foi celebrado com um grande baile (“Um gigante de nove anos”, *A Manhã*, 18 jul. 1948, 1). Ao contrário das comemorações anteriores, não houve competições, ainda que se perceba que a agremiação seguia marcando presença nos campeonatos da cidade, especialmente nos de voleibol e basquetebol, sendo reconhecida nos meios de comunicação por seus compromissos com o desenvolvimento do esporte do Rio de Janeiro.

Nessa ocasião, uma vez mais, a diretoria apresentou um ambicioso plano de ampliação da base societária e da sede (“Fase áurea para o Jacarepaguá Tênis Clube”, *A Manhã*, 11 jul. 1948, 11). Quando se elencaram as proposições de investimento no âmbito esportivo, não se citou a equitação. A modalidade que outrora fora tão importante no cotidiano e na construção de uma boa representação da agremiação, por motivos que não conseguimos precisar, não parecia mais fazer parte das prioridades.



Figura 5. Imagem de Nelson Pessoa Filho na pista do Bangu. Fonte: *A Noite*, 11 set. 1945, 17.

<sup>26</sup> Ver, por exemplo: “Nelson Pessoa Filho, o garoto revelação”, *Tribuna da Imprensa*, 29 dez. 1949, 9.

Ainda se vê uma equipe do Jacarepaguá disputando algumas competições promovidas em outras pistas. Da mesma forma, durante muitos anos, seu nome foi lembrado na denominação de uma prova, mesmo que sem a participação de cavaleiros e amazonas do clube suburbano. Trata-se de um indício de que sua experiência equestre deixou alguma marca no hipismo carioca

O Jacarepaguá Tênis seguiu sendo considerado como espaço de reunião da elite do bairro. Como símbolo dessa condição, o envolvimento com o tênis parece ter se afirmado como marca identitária. Inaugurou-se também um espaço para a prática de outro esporte muito apreciado entre os setores socioeconomicamente privilegiados: o tiro ao alvo (“O Jacarepaguá Tênis Clube comemora o seu 1º decênio”, *A Noite*, 14 jul. 1949, 11).

Nos anos iniciais da década de 1950, tendo em vista os diferentes projetos para a agremiação, houve uma crise profunda no corpo societário. Pelo que foi possível perceber nos jornais, em 1953, com a função de pacificar o clube e recuperar os momentos gloriosos do passado, Armando de Mesquita retornou à presidência (“Armando de Mesquita na presidência do Jacarepaguá T. Clube”, *Diário da Noite*, 14 jul. 1953, 12).

Nesse cenário, houve uma breve retomada da equitação. Mesquita investiu muitos esforços e recursos na reconstrução da pista, ficando Agostinho Alves Costa responsável por conseguir com a Sociedade Hípica Brasileira apoio para a iniciativa. Pretendia-se oferecer instalações ainda melhores do que no passado, perspectivando que a sede voltasse a ser frequentada pelos “melhores saltadores do Brasil, tanto civis como militares” (“Hipismo no Jacarepaguá”, *Diário Carioca*, 12 dez. 1954, 31). Na comemoração de seu 15º aniversário, foi homenageada a Federação Metropolitana de Hipismo, um claro sinal da reaproximação do Jacarepaguá Tênis com a modalidade (“15 anos completa o Jacarepaguá T. C.”, *Jornal dos Sports*, 14 jul. 1954, 4).

A equitação foi considerada estratégica na recuperação da antiga imagem da agremiação. Antes mesmo da inauguração da nova pista, equipes do Jacarepaguá tomaram parte em competições. Suas amazonas, por exemplo, disputaram os tradicionais Jogos da Primavera de 1954 e 1955, mesmo ano em que filhos de associados disputaram os Jogos Infantis.

Em julho de 1955, com grande divulgação, se inaugurou a nova pista, considerada um sinal de “progresso dessa associação esportiva que prima pela grandeza das realizações assim como seus dirigentes se impõe pelas grandes iniciativas” (“No Jacarepaguá”, *Diário Carioca*, 10 jul. 1955, 6). As equipes mais importantes da cidade prestigiaram a ocasião, o que deve ter satisfeito muito as lideranças do clube e do bairro.

No mesmo mês, a pista sediou uma etapa do circuito da Federação Metropolitana, sendo muito elogiada pelos participantes. Mais ainda, com grande celebração, a prova Jacarepaguá Tênis Clube voltou a ser organizada na sede da Praça Seca (“Tarde hípica no Jacarepaguá T. C.”, *Diário da Noite*, 1 set. 1956, 5). De novo, imagens da agremiação passaram a circular no âmbito das realizações da elite carioca.

No ano seguinte, todavia, surgiram problemas. A Federação Metropolitana de Hipismo cancelou a realização da prova Jacarepaguá Tênis Clube sob o argumento de que a pista não tinha condições, decisão que causou indignação na diretoria já presidida por Nelson Antunes. A agremiação pode ter tido alguma razão nas suas ponderações, mas também não se pode desprezar ter sido uma decorrência do afastamento de Armando Mesquita, sempre mais atento às questões hípicas.

A pista continuou sendo utilizada para disputas isoladas com agremiações militares, tais como o Colégio Militar e a Escola Militar. Em breve, contudo, dessa vez em definitivo, estaria encerrada a trajetória da equitação no Jacarepaguá Tênis, um fim que parecia anunciar as mudanças que haveria no perfil do bairro e do clube.

Os subúrbios, a propósito, não mais tiveram agremiações civis dedicadas à modalidade. A região passou por transformações ligadas ao aumento populacional, especulação imobiliária, desordenamento urbano e, num futuro não muito distante, aumento da violência, problema que, nos dias de hoje, tira o sono de moradores de muitos bairros, entre os quais da Praça Seca, sede do Jacarepaguá Tênis Clube.



## À guisa de conclusão

Mesmo não tendo durado muito tempo, a prática do hipismo desempenhou um importante papel na trajetória do Jacarepaguá Tênis Clube. Em determinado momento, quando ainda dava seus primeiros passos, o envolvimento com a equitação lançou luzes sobre a nova agremiação que pretendia consolidar-se como de elite. Apresentou as credenciais de um grupo de subúrbio que tinha pretensões de participar das altas esferas da cidade. Ajudou a conformar a ideia de que Jacarepaguá era o lugar do rural refinado, um bairro suburbano que demonstrava adesão a ideais de civilização e progresso.

De outro lado, o hipismo ajudou a afirmar os compromissos do clube com o bairro – se articulando inclusive com uma característica ainda bucólica do Distrito –, com a cidade – na medida que fortalecia um grupo de elite – e com a nação – relacionado a discursos de compromissos com o progresso do país.

O caso do Jacarepaguá Tênis Clube nos ajuda a lançar um olhar mais amplo para o processo de urbanização da cidade, inclusive e especialmente no tocante aos subúrbios. Permite-nos perceber os diversos grupos sociais em movimento no que tange à produção do espaço, à construção de um perfil, uma vocação, um conjunto de representações para o bairro.

Mais ainda, descortina a ação de outros protagonistas, chamando a atenção para o fato de que a cidade não é somente fruto do que ocorreu nas zonas Centro e Sul. Nos subúrbios, diversos grupos entabularam ações no sentido de garantir uma melhor qualidade de vida e combater estigmas de que se tratava de uma região pouco ordenada e desenvolvida.

Lamentavelmente, a partir dos anos 1960, uma vez mais se esgarçou o tecido urbano, crescendo a ocupação desordenada e o número de episódios de violência. O próprio Jacarepaguá Tênis Clube é uma expressão dessas transformações. Paulatinamente, foi mudando de perfil, um processo que se deu a reboque das alterações que houve no bairro.

O Jacarepaguá Tênis permanece ativo, ainda que sua atuação esteja longe do que foi no passado, quando recebera grande atenção da imprensa e foi representado como uma gloriosa agremiação. De toda forma, sua manutenção, mesmo passando por tantos desafios e dificuldades, é um indicador de sua importância no decorrer do tempo, do papel relevante que desempenhou e merece ser registrado até para que se perspectivem dias melhores para o clube, para o bairro, para a cidade.

## Referências

- Abreu, Maurício. 1987. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO/Zahar.
- Agulhon, Maurice. 2009. *El círculo burgués. La sociabilidad en Francia, 1810-1848*. Buenos Aires: Siglo XXI.
- Barreto Filho, Herculano. 2020. Denúncias apontam Grande Jacarepaguá como nova fronteira da milícia no Rio. <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/02/15/denuncias-mostram-expansao-da-milicia-para-outros-bairros-do-rio.htm>.
- Carlos, Ana Fani Alessandri. 2019. “Henri Lefebvre: a problemática urbana e sua determinação espacial”. *Geosp - Espaço e Tempo* 23 (3): 458-77.
- Costa, Waldemar. 1986. *O Vale do Marangá*. Rio de Janeiro: Edição do autor.
- Fernandes, Nelson da Nobrega. 1995. *O rapto ideológico da categoria subúrbio*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.
- Fraga, Annelise Caetano y Miriam de Oliveira Santos. 2015. “Madureira, Capital dos Subúrbios (1940-1960): carnaval e comércio na produção de uma comunidade imaginada”. *Iluminuras* 16 (37): 11-31.
- Leite, Márcia Pereira. 2012. Grajaú, memória e história: fronteiras fluidas e passagens. *Cadernos Metrópole* 5: 91-125.
- Linhales, Meily Assbú. 2009. *A escola e o esporte: uma história de práticas culturais*. São Paulo: Editora Cortez.

- Martins, Ronaldo Luis. 2009. *Mercadão de Madureira: caminhos de comércio*. Rio de Janeiro: Condomínio do Entrepasto Mercado do Rio de Janeiro.
- Melo, Victor Andrade de. 2001. *Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Faperj.
- Melo, Victor Andrade de. 2019. “Um hipódromo suburbano: a experiência do Club de Corridas Santa Cruz (Rio de Janeiro – 1912/1918)”. *Topoi* 20 (40): 157-84.
- Melo, Victor Andrade de. 2020. “Uma geografia do esporte: as experiências dos clubes de iatismo da Zona da Leopoldina (Rio de Janeiro, 1941-1954)”. *GEOUSP – Espaço e Tempo* 24 (1): 83-103.
- Melo, Victor Andrade e Fabio de Faria Peres. 2016. *Primórdios do esporte no Brasil – Rio de Janeiro*. Manaus: Reggo Edições.
- Miyasaka, Cristiane Regina. 2016. *Os trabalhadores e a cidade: a experiência dos suburbanos cariocas (1890-1920)*. Tese (Doutorado em História). Campinas: Unicamp.
- Molinari, Carlos. 2014. *Nós que somos banguenses*. Rio de Janeiro: Ícone.
- Penna-Franca, Luciana. 2016. *Teatro amador no Rio de Janeiro: associativismo dramático, espetáculos e periodismo (1871-1920)*. Tese (Doutorado em História). Niterói: UFF.
- Rocha, Fernando Goulart e Roland Luiz Pizzolatti. 2005. “Cidade: espaço de descontinuidades”. *Estudos Geográficos* 3 (2): 46-53.
- Rodrigues, João Freire. 2014. “O rural e o urbano no Brasil: uma proposta de metodologia de classificação dos municípios”. *Análise Social* XLIX (2.º/211): 430-56.
- Santos, João Manuel Casquinha Malaia. 2010. *Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e inserção socioeconômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*. Tese (Doutorado em História). São Paulo: USP.
- Santos, Leonardo Soares dos. 2011. “A cidade está chegando: expansão urbana na zona rural do Rio de Janeiro (1890-1940)”. *Revista Crítica Histórica* II (3): 114-37.
- Santos, Leonardo Soares dos. 2013. “Essa é terra é minha: identidades, processos de legitimação e conflitos de terra no sertão carioca (1945-64)”. *Anos 90* 20 (38): 295-325.
- Santos, Leonardo Soares dos y Renato de Souza Dória. 2013. “Do Sertão Carioca ao centro metropolitano: as disputas por terra na zona oeste do Rio de Janeiro 1940 – 2010”. *Mneme - Revista de Humanidades* 14 (33): 36-72.
- Santos Junior, Nei Jorge. 2012. *A construção do sentimento local: o futebol nos arrabaldes de Andaraí e Bangu (1914-1923)*. Dissertação (Mestrado em História Comparada). Rio de Janeiro: UFRJ.
- Santos Junior, Nei Jorge. 2017. *A vida divertida suburbana: representações, identidades e tensões em um arrabalde chamado Bangu (1895-1929)*. Tese (Doutorado em Lazer). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.
- Santos Junior, Washington Ramos do. 2016. *Subjetividade, identidade e geografia: o nascimento da Barra da Tijuca e a Cronus fusional (ou a morte da alteridade)*. Tese (Doutorado em Psicologia Social). São Paulo: USP.
- Sousa, Raquel Gomes de. 2014. *Cinemas no Rio de Janeiro: trajetória e recorte espacial*. Dissertação (Mestrado em Ciências). Rio de Janeiro: UFRJ.
- Vaz, Luiz Augusto da Rocha. 2019. *Zona Oeste do Rio. Ocasos e alvoreceres. Um estudo sobre Cultura, Memória e Cidade*. Dissertação (Mestrado em Memória e Acervos). Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.
- Vieira, Isabelle. 2019. “Jacarepaguá: uma cidade do interior cravada no imaginário de seus moradores”. *Ponto Urbe* 24: 1-19.